



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8107 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

PAPÉIS DE GÊNERO: UM OLHAR A PARTIR DA ASSOCIAÇÃO LIVRE E HIERARQUIZAÇÃO DE PALAVRAS POR PROFESSORAS

Viviane de Bona - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Naomi Maria dos Santos Carneiro Leão - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

PAPÉIS DE GÊNERO: UM OLHAR A PARTIR DA ASSOCIAÇÃO LIVRE E HIERARQUIZAÇÃO DE PALAVRAS POR PROFESSORAS

Resumo: Partindo do pressuposto de que a escola tem impacto direto na construção da identidade das crianças e, principalmente, na manutenção da ordem social que dita o padrão de normalidade entre os gêneros binários, o presente estudo tem como objetivo analisar o que professoras da Rede Municipal do Recife compartilham acerca de papéis de gênero. Para tanto, utilizou-se a técnica de associação livre e hierarquização de palavras no percurso metodológico, tendo como aporte teórico a Teoria das Representações Sociais. A partir dos resultados, percebe-se como os papéis sociais empregados à homens os coloca na posição de redentor de fortaleza e poder, enquanto que sobra ao feminino um lugar de contradição e oposição a tudo o que representa o masculino.

Palavras-Chave: Papéis de Gênero. Docência. Educação. Representações Sociais.

1 INTRODUÇÃO

O presente resumo é um recorte de uma pesquisa de iniciação científica em desenvolvimento, que visa compreender o olhar de crianças (de 9 a 11 anos) sobre papéis de gênero, e ainda faz uma escuta aos professores/as desses estudantes para entender as possíveis inter-relações acerca desses papéis sociais hegemonicamente destinados aos gêneros binários (feminino e masculino).

Tendo em vista que em uma sociedade construída e instituída por/em padrões hegemônicos, patriarcais e sexistas, que imprimem nos sujeitos papéis, funções, arquétipos, estereótipos e marcas, nos questionamos sobre o papel da escola (em seus símbolos, rituais, discursos, regimentos e normas) na manutenção desses definidores sociais. Essa problemática de papéis de gênero socialmente pré-estabelecida em crianças ainda em formação, é o que direciona nossa pesquisa a fim de revisarmos o papel docente frente à isto. Uma vez que, segundo Louro (2000), as identidades de gênero e a inscrição do gênero masculino ou feminino nos

corpos, ganham sentido e marcas a partir de uma determinada cultura, definida pela rede de poder de uma sociedade.

Nessa direção, o trabalho se fundamenta na Teoria das Representações Sociais (TRS) (MOSCOVICI, 2007) e tem como objetivo, neste texto, identificar o que docentes compartilham acerca de papéis de gênero. Apoiando-se na necessidade de conhecer o que professoras em atuação pensam acerca dessas definições sociais, para pensar um projeto de vida e de mundo mais igualitário e livre de amarras e obrigações de gênero.

Em função da pandemia do Novo Coronavírus - 2020, as entrevistas com as professoras foram realizadas de maneira virtual, com auxílio da plataforma Google Meet. Foram entrevistadas quatro professoras, servidoras da Rede Municipal de Ensino da cidade do Recife-PE, onde na primeira etapa da entrevista procedeu-se uma evocação e hierarquização de palavras. Cada entrevistada foi convidada a dizer 5 (cinco) palavras que vinham à mente quando pensava na palavra “homem” e em seguida hierarquizar de um a cinco essas palavras, o mesmo método foi utilizado para a palavra “mulher”. Na sequência, continuamos com a entrevista, questionando aspectos sobre as percepções sociais das mesmas em relação à performance social masculina e feminina, manifestações de gênero no ambiente escolar, e sobre a prática docente frente à essas questões.

Nossa hipótese é de que os sentidos compartilhados pelas professoras sejam voltados para a manutenção do sujeito masculino enquanto redentor de fortaleza e poder, entretanto aos corpos femininos sobram o espaço de oposição/contradição a esse gênero. E para além disso, a manutenção da idealização da mulher enquanto ser frágil, materno e esculpida socialmente em padrões estéticos.

No recorte desta análise preliminar traremos apenas o resultado da associação livre de palavras. Antes, situamos brevemente o referencial que nos ampara, seguido da apresentação e análise dos resultados da pesquisa, acompanhado das nossas conclusões e referências bibliográficas.

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E GÊNERO: UMA BREVE DISCUSSÃO

A partir da diversidade de conhecimentos e a posição de legitimidade que tem o conhecimento científico, a Teoria das Representações Sociais (TRS) busca estudar a gênese do conhecimento do senso comum, os conhecimentos populares. Entretanto, é importante pontuar que um conhecimento não se contrapõe ao outro, partem de lógicas diferentes de conhecer e se posicionar no mundo. Porém, uma polarização caracteriza essas duas formas de conhecer, tendo em vista o caráter de uma

sociedade bifurcada: uma minoria de especialistas e uma maioria de amadores, consumidores de conhecimento absorvido através de uma educação sucinta ou através da mídia. A oposição entre o pensamento standard e o que não o é, entre o pensamento instruído do científico e o pensamento ‘ingênuo’ do homem da rua é, definitivamente, menos de ordem lógica ou orgânica do que de ordem social (MOSCOVICI, 1988, p. 541).

Todavia precisamos estar atentos ao que diferencia representações sociais da Teoria das Representações Sociais. Quando falamos em representações sociais, nos remetemos ao conhecimento produzido, articulado, compartilhado no senso comum. Já quando falamos na teoria das representações sociais, Santos afirma que “é referir-se a um modelo teórico, um conhecimento científico que visa compreender e explicar a construção desse conhecimento leigo, dessas teorias do senso comum” (SANTOS, 2005, p. 4). Para nós, se torna interessante

saber a gênese do que se entende por papel dos gêneros femininos e masculinos na sociedade, o papel do homem e da mulher.

Partimos da afirmação de que a escola, por sua vez, tem impacto direto na construção da identidade das crianças e, principalmente, na manutenção da ordem social que dita o padrão de normalidade entre os gêneros binários (LOURO, 2000). Compreender o caráter formador da instituição escolar, em todos os aspectos da vida de seus educandos, vislumbra a tamanha responsabilidade por parte do corpo gestor e docente.

Os papéis de gênero, - onde aqui definimos como um conjunto de ordens, regras, normas de condutas e comportamentos impostos para crianças ainda no período gestacional, que é definido e dado à partir da característica biológica (genital) dos corpos recém chegados ao mundo - são papéis responsáveis pela manutenção estrutural do patriarcado, supremacia masculina e submissão feminina.

Essa problemática desperta a atenção para o próprio fundamento orientador da TRS de que as definições são codificadas em normas e valores, se materializando em formas particulares de práticas sociais e institucionais, que por sua vez ajudam a produzir formas de comportamento. Entendemos que as representações sociais que são compartilhadas sofrem influências, reciprocidade e interdependência dos espaços que convivem, por isso aqui nos debruçamos ao que foi coletado junto às professoras da Educação Básica.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Ao iniciar a coleta de dados, as professoras foram convidadas a realizar uma associação livre de palavras seguida de uma hierarquização de suas evocações feita pelas mesmas. Compreendemos e justificamos o uso desta proposta metodológica, uma vez que a evocação livre possibilita acessar mais rapidamente e de forma menos controlada os elementos que constituem o campo semântico do objeto estudado. Na hierarquização o participante classifica sua própria produção indicando um grau de importância para aquele elemento associado.

Todas as participantes são professoras da Rede Municipal de Ensino da cidade do Recife, com idade que variam entre 36 e 49 anos; todas são graduadas em pedagogia sendo as professoras 1 e 2 pós-graduadas em Educação Infantil e a professora 3 pós-graduada em Psicopedagogia. A partir disto, no processo de coleta foram obtidos os seguintes dados tabulados no quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Palavras associadas por cada professora à palavra homem e mulher.

	PROFESSORA 1		PROFESSORA 2		PROFESSORA 3		PROFESSORA 4	
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER
1	Desigualdade	Superação	Viril	Força	Machismo	Resistência	Machismo	Resistência
2	Homofobia	Desigualdade	Paternidade	Feminilidade	Opressão	Força	Opressão	Força
3	Machista	Injustiça	Ser “homem”	Igualdade	Privilégio	Diversidade	Privilégio	Diversidade
4	Preconceito	Sofrimento	Ignorância	Maternidade	Masculinidade	Luta por igualdade	Masculinidade	Luta por igualdade
5	Gênero	Gênero	Vantagem no mercado de trabalho	Superação	Força Física	Maternidade	Força Física	Maternidade

Fonte: Autoria própria.

Com base no exposto, é possível notar que os papéis sociais empregados aos corpos

masculinos são em sua maioria voltados para aspectos de opressões e poder. Isso fica evidente uma vez que a palavra machismo se apresenta duas vezes, acompanhada do termo machista, homofobia, preconceito, opressão e dentre outros que traduzem a posição de opressor do corpo masculino. Isso se dá pelo que chamamos de “masculinidade tóxica” (PAULA; ROCHA, 2019), pois

A identidade masculina constrói-se, então, com a pauta de nada ter a ver com uma mulher e, menos ainda, com um homossexual; para tal, os homens precisavam desenvolver e repassar características bem demarcadas, a fim de que seus papéis sociais ganhassem e mantivessem forma. Aos homens atribui-se características como a liderança, racionalidade, força física, destreza, coragem, competitividade, pouca afetividade, virilidade etc. (PAULA; ROCHA, 2019, p. 83).

A aparição da associação “ser homem” na tabela 2, foi um fator que nos chamou atenção, quando questionada sobre isso a professora assim justificou:

“Olhe minha filha... eu digo “ser homem” porque tem muito cabra safado no meio do mundo (tom de riso) que não tem responsabilidade com nada e essas coisas” (PROFESSORA 2)

Compreendemos que a característica atribuída nesse sentido, se refere à “maturidade” e ao papel de responsável, adulto, que toma a frente e sabe o que faz, conferida a homens. Nos chama atenção a associação “mente mais fechada” sendo que a professora 4 alega que

“o homem tem a mente mais fechada que a mulher, né... a mulher tem a mente mais aberta pras coisas... (pausa) Digamos que tem coisas que a mulher vai raciocinar mais que o homem que normalmente age no impulso, né, tem a mente mais fechada pras coisas” (PROFESSORA 4)

Nessa perspectiva da “mente mais fechada”, ao desenrolar da conversa foi perceptível que se encaminhava para a autorização que corpos masculinos possuem para agir no impulso, para não raciocinar, para o uso da força. Isso faz ligação direta com as associações “machista”, “homofobia”, “preconceito” e “ignorância”.

Ao analisar as evocações atribuídas ao termo “mulher”, a aparição de palavras como força, luta, superação, negação de direitos, resistência, luta por igualdade, feminismo, sexo forte, desigualdade e injustiça nos aponta a luta feminista contra a soberania masculina e emancipação da mulher. Quando questionada sobre “sexo forte”, a explicação foi a seguinte

é... o sexo forte, né, muitas vezes as pessoas costumam dizer que a mulher é o sexo frágil, mas na verdade é mais forte que muito homem. A gente chega do trabalho, cuida de casa, cuida de menino, cuida de marido.. se a gente fosse fraca hein... (rindo) (PROFESSORA 4)

O lugar de “força” atrelado à “sexo forte” também está atribuído à manutenção do papel de cuidadora, materna e doméstica que é dado às mulheres. Papéis de sobrecarga sobre esses corpos que precisam se fazer resistentes. E esse lugar de resistência nos intriga sobre a possibilidade de uma certa concordância com a comodidade e a participação terceirizada do “marido”, extraído da fala da mesma, onde ele pode ou não participar, enquanto ela é colocada à luz da obrigação dessas tarefas.

Uma das coisas que nos chamou atenção foi a aparição da palavra “diversidade”, onde quando questionada sobre isso, a professora definiu como

diversidade é justamente a diversidade de mulher, você por exemplo... (Se referindo a entrevistadora que é travesti) é uma mulher transexual e não deixa de ser mulher por isso. Temos vários tipos de mulher no mundo. (PROFESSORA 3).

A professora 3 elevou um pouco mais o seu olhar sobre a mulheridade, reconhecendo na travestilidade/transsexualidade possibilidades outras de ser mulher.

Em linhas gerais, os papéis de gênero associados aos homens são de virilidade, opressão, paternidade e vantagem/privilegio frente à mulher. Compreendemos que esses papéis se dão pela raiz patriarcal no seio da humanidade. Porém, ressaltamos a falta de visualização das participantes no que toca à outras possibilidades de masculinidades, como nas identidades trans masculinas e homens efeminados (que em sua maioria são homossexuais).

Essas características de imposição de força, opressão e violências por parte de homens se dá a partir das lutas do movimento feminista, da inserção da mulher no mercado de trabalho, no rompimento do sistema binário-sexista por meio de corpos dissidentes, modelos outros de masculinidades a partir de homossexuais, bissexuais e homens trans, fazendo com que o modelo de “homem” se rompa, mostrando outras possibilidades e características da identidade. Esses movimentos de ódio vêm em repulsa à essa perda da identidade do homem forte, viril, de pouco afeto e sentimento (PAULA; ROCHA, 2019). Se por um lado os papéis atribuídos aos homens são de fortaleza e poder, por outro lado sobrou ao feminino o papel contraditório ao masculino (BAGGIO; CARVALHO, et al, 2009).

As inferências realizadas a partir do que foi apreendido pelas evocações livres, apresentam um conhecimento elaborado pelas professoras que nos ajudam a compreender os acontecimentos da vida cotidiana, sobretudo porque orientam e justificam os comportamentos dos sujeitos. Moscovici (2007) em suas considerações sobre o fenômeno das representações sociais assinala que elas influenciam o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. Podemos perceber que a partir das associações as pessoas - no caso o homem e a mulher, foram convencionalizadas; de certa forma algumas considerações em torno do que elucidam sobre papéis de gênero foram prescritivas.

Destacamos que esses são resultados parciais de uma investigação mais ampla que trará a perspectiva dos estudantes como contraponto desses sentidos. Não podemos aqui falar que encontramos representações sociais de papéis de gênero, mas sim temos indícios daquilo que orientam as práticas sociais, em especial as docentes, posto que as representações sociais apresentam dentre suas funções o papel de orientar e justificar condutas (ABRIC, 1994).

4 CONCLUSÕES

Com o objetivo de identificar o que docentes compartilham acerca de papéis de gênero, através do instrumento metodológico de associação livre e hierarquização de palavras, consideramos que parte de nossos apontamentos hipotéticos se fazem pertinentes.

O papel de força física, virilidade, opressão atribuído aos homens fazem sentido uma vez que a sociedade, como conhecemos, nasce de uma raiz patriarcal. Essas imposições de força e intolerância sempre se fizeram presentes no curso da história da humanidade. Porém, é a partir disso que questionamos até onde essa associação/atribuição/definição propagam esses adjetivos que mantêm desde os primórdios até os dias de hoje a soberania masculina?

Os papéis atribuídos à mulher deixaram marcado o papel das mesmas na luta contra o patriarcado, em oposição à truculência masculina. Os papéis sociais apresentados se voltaram para a manutenção da idealização da mulher enquanto mãe e da luta por emancipação. E abriu-se espaço ainda para pensarmos mulheridadeS, com “S” maiúsculo. Possibilidades outras de existência do corpo feminino, em suas diversas formas.

Conhecendo o que professoras em atuação trazem acerca dos definidores sociais sobre

homem e mulher, podemos pensar sobre como recai nas crianças essas configurações, uma vez que todas as associações são designadas e ensinadas às crianças antes mesmo de seu nascimento. O senso comum do que é ser menino e ser menina, revela um projeto de mundo arquitetado para homens e por homens, uma vez que o lugar de poder é reservado à corpos masculinos, sobrando apenas o lugar de constante luta e manutenção dessa estrutura por parte dos corpos femininos.

Por fim, os resultados desta pesquisa pretendem auxiliar no rompimento de paradigmas possibilitando sobretudo, que se crie estratégias outras para fugir do menino raivoso e sem sentimento e da menina feminina, delicada e doméstica em sala de aula, pois um dos pilares da manutenção dessa estrutura é a escola e é a partir dela que devemos gerir um novo projeto de vida e de mundo.

5 REFERÊNCIAS

ABRIC, J.-C. Les représentations sociales: aspects théoriques. In: ABRIC, J.-C. (Dir.) **Pratiques Sociales et Representations**. Paris: Presses Universitaires de France-PUF, 1994. p. 12-36.

BAGGIO, Maria Aparecida; CARVALHO, J. Nunes; et al. O significado atribuído ao papel masculino e feminino por adolescentes de periferia. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. 2009. p. 872-878.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (org), **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representation. **European Journal of Social Psychology**, 18: 211 - 250. 1988.

_____. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 5.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

PAULA, R. C. M.; ROCHA, F. N. Os Impactos da masculinidade tóxica no bem estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. **Revista Mosaico**. 2019 Jul/Dez; 10 (2): SUPLEMENTO 82-88.

SANTOS, M. S. F. A teoria das Representações Sociais. In: SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. (org.). **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Recife: Ed. Universitária da UFPE/UFAL, 2005. p. 15-38.